



David Le Breton

A sociologia do corpo

Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Le Breton, David, 1953-

A sociologia do corpo / David Le Breton ; 2. ed.
tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. – Petrópolis,
RJ : Vozes, 2007.

ISBN 978-85-326-3327-9

Título original : La sociologie du corps
Bibliografia.

1. Corpo humano – Aspectos sociais I. Título.

06-2611

CDD-306.4

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|--|-------|
| 1. Corpo : Aspectos sociais : Sociologia | 306.4 |
| 2. Sociologia do corpo | 306.4 |

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

Capítulo II

Sobre algumas ambigüidades

I - Ambigüidades do referente "corpo"

As pesquisas sociológicas privilegiaram, sobretudo, as ações do corpo. Mas o próprio referente "corpo" é pouco questionado. Uma expressão ambígua, dualista, designa algumas vezes essas abordagens: sociologia do corpo. Mas, de que "corpo" se trata? Esquecemos com freqüência o quão absurdo é nomear o corpo como se fosse um fetiche, isto é, omitindo o homem que o encarna. É preciso ressaltar a ambigüidade que consiste evocar a noção de um corpo que só mantém relações implícitas, supostas, com o ator com quem faz indissolivelmente corpo. Qualquer questionamento sobre o corpo requer antes a construção de seu objeto, a elucidação daquilo que subentende. O próprio corpo não estaria envolvido no véu das representações? O corpo não é uma natureza. Ele nem sequer existe. Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres. Não se vê corpos. Nessas condições o corpo corre o risco de nem mesmo ser um universal. E a sociologia não pode tomar um termo como se apresenta na doxa para fazer dele um princípio de análise sem antes apreender sua genealogia, sem elucidar os imaginários sociais que lhe dão nome e agem sobre ele, e isso não só em suas conotações (a coleta dos fatos analisados pelos sociólogos é rica nesse domínio), mas também na denotação raramente questionada. O corpo não é uma natureza incontestável objetivada imutavelmente pelo conjunto das comunidades humanas, dada imediatamente ao observador que pode fazê-la funcionar como num exercício de sociólogo. O "atalho antropológico" (G. Balandier) nos faz lembrar a existência efêmera desse objeto, aparentemente tão real, tão acessível à descrição¹¹.

11 • Michel Bernard, em trabalho que marcou época, mostrou uma outra faceta cujo objeto era "o" corpo: as diferentes ciências humanas propõem assim, olhares irreductíveis entre si. Cf. M. Bernard. *Le corps*. Paris: Delarge, 1976.

II - Elementos históricos

Inúmeras representações visam de fato dar carne ao homem ou dar um corpo ao homem. Alternativa que não é sem conseqüências e cujas armadilhas o pesquisador deve evitar:

• Dar um corpo ao homem: assim, a anatomofisiologia e o conhecimento médico no sentido amplo, separando o homem de seu corpo, encaram este como um em si. Parece que a maior parte dos sociólogos da atualidade, preocupados em compreender os usos sociais e culturais do corpo, aderem sem críticas à teorização biomédica e vêem nela sua realidade objetiva.

• Ao contrário, dar carne ao homem: esses saberes não distinguem o homem e o corpo, as medicinas populares ainda hoje dão o exemplo em nossas sociedades. Medicina dos traços distintivos, na qual um elemento vegetal ou mineral pode supostamente ajudar a curar um mal, pois possui na forma, na cor, no funcionamento ou na substância, uma analogia com o órgão afetado ou as aparências da doença. Pela imposição das mãos o magnetizador transmite uma energia que regenera as zonas doentes e coloca o homem em harmonia com as emanções do meio ambiente. O radiestesista interroga o pêndulo e o faz percorrer a superfície do corpo para fazer o diagnóstico e identificar as plantas que indicará ao visitante para curá-lo. O benzedor, pela prece que murmura, acompanhada de gestos precisos, cristaliza as forças benéficas que aliviam o mal. Da mesma forma o curador, cujo poder consiste em eliminar a queimação da machucadura e curá-la sem deixar cicatrizes na pele. A lista poderia ser ampliada pela evocação das fontes, das pedras, das árvores, etc., que supõem dar aos que as solicitam uma energia propícia à cura dos males. Numerosas são ainda hoje em dia as concepções sociais que vinculam o homem ao cosmo.

Yvonne Verdier observou, em recente estudo sobre as tradições de um vilarejo da Borgonha, a fisiologia simbólica da mulher e suas relações com o meio ambiente. Durante o período menstrual, por exemplo, a mulher não desce na adega onde estão colocadas as reservas familiares: carnes salgadas, pepinos em conserva, barricas de vinho, canecas para vinho, etc. Se ela o fizesse, correria o risco de estragar irremediavelmente os alimentos tocados. Pelos mesmos motivos, o porco nunca é morto na fazenda durante esse período.

Bolos, cremes, maioneses não são preparados. "Durante sua menstruação, escreve Yvonne Verdier, não sendo férteis, as mulheres estancariam qualquer processo de transformação que lembre a fecundação: pensemos nos ovos nevados, nos cremes, nas emulsões, nos molhos, no bacon, em tudo o que deve "ligar". Sua presença poderia abortar todas essas lentas gestações que representam o toucinho no sal, o vinho na cuba, o mel na colméia, etc."¹² O corpo é similar a um campo de força em ressonância com os processos de vida que o cercam.

Nas tradições populares, o corpo permanece sob a influência do universo que lhe dá energia. Ele é um condensado do cosmo. Conhecemos nesse sentido as análises de Leenhardt em *Do Kamo* que evidenciam, na cultura tradicional canaque, a similaridade de substância entre o homem e o vegetal. Várias sociedades identificam o homem e, ao mesmo tempo, sua carne. Ela o engloba igualmente numa totalidade na qual o invisível se mistura ao visível da natureza, e assim não concebem o corpo como um anexo. Não raras vezes, há ambigüidade na aplicação da noção de corpo ocidental aos grupos sociais cujas referências culturais não dão nenhum espaço ao "corpo".

As representações do corpo são representações da pessoa. Quando mostramos o que faz o homem, os limites, a relação com a natureza ou com os outros, revelamos o que faz a carne. As representações da pessoa e aquelas, corolários, do corpo estão sempre inseridas nas visões do mundo das diferentes comunidades humanas. O corpo parece explicar-se a si mesmo, mas nada é mais enganoso. O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. A caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural.

A visão moderna do corpo nas sociedades ocidentais, que de alguma forma oficial é representada pelo conhecimento biomédico, pela anatomofisiologia, repousa sobre uma concepção particular de pessoa. Foi necessário o desmantelamento dos valores me-

¹² • Yvonne Verdier. *Façons de dire, façons de faire*. Paris: Gallimard, 1979, p. 20.

dievais, as primeiras dissecações anatómicas distinguindo o homem do corpo, sendo ele próprio objeto de investigação que revela a carne na indiferença do homem cujo semblante, no entanto, ela molda. Foi necessário também o encontro com a filosofia mecanista, que encontra em Descartes seu mais sutil porta-voz, estabelecendo o corpo como outra forma mecânica. Uma nova sensibilidade individualista nascente foi necessária para que o corpo fosse visto como algo separado do mundo que o acolhe e dá significação e separado também do homem ao qual dá forma. Na maior parte das investigações, a concepção moderna do corpo é a que serviu de marco inicial para a sociologia, nascida na passagem do século XVI para o século XVII. Essa concepção implica que o homem esteja separado do cosmo (não é mais o macrocosmo que explica a carne, mas uma anatomia e uma fisiologia que só existe no corpo), separado dos outros (passagem da sociedade de tipo comunitária para a sociedade de tipo individualista onde o corpo encontra-se na fronteira da pessoa) e, finalmente, separado de si mesmo (o corpo é entendido como diferente do homem)¹³.

III - Elementos etnológicos

Em outras sociedades o corpo não é isolado do homem e está inserido numa rede complexa de correspondências entre a condição humana e a natureza ou cosmo que o cerca. Um estudo exemplar de M. Leenhardt aponta que, por exemplo, para os Canaques, no interior da sociedade comunitária, nenhum termo específico é utilizado para referir-se aos órgãos ou ao próprio corpo. O conjunto dos componentes do que chamamos "corpo" é emprestado à vegetação. Os órgãos ou os ossos, tal qual nos parece, levam nomes de frutas, árvores, etc. Não existe ruptura entre a carne do mundo e a carne do homem. O vegetal e o orgânico se encontram em tamanha correspondência que alimenta inúmeros traços da sociedade canaque. O próprio nome de "corpo" (*karo*) só designa uma estrutura, uma base que se aplica indiferentemente a outros objetos. E Leenhardt conta o "causo" ostentoso pelos questionamentos que proporciona: desejando medir o impacto dos valores ocidentais na sociedade melanésia através da visão de um autóctone, Leenhardt

Quem é o material do país ou da região em que habita descendente dos negros que o bi sempre viveram.

¹³ • Para uma análise detalhada desse processo, cf. David Le Breton. *Anthropologie du corps et modernité*. Op. cit.

MUITO IMPORTANTE

MUITO IMPORTANTE

questiona um ancião a esse respeito. Este responde imediatamente: "O que vocês nos trouxeram é o corpo"¹⁴.

Aliada à evangelização, a adesão de uma faixa da população canaque aos valores ocidentais conduz aqueles que ultrapassam a barreira, aqueles que aceitam desfazer-se de parte dos valores tradicionais que outrora construíam a trama de suas vidas, à individualização que reproduz, de forma atenuada, a que reina nas sociedades ocidentais. O melanésio conquistado, mesmo de maneira rudimentar, pelos novos valores, liberta-se da rede de correspondências que o ligava à comunidade. Torna-se germe de um indivíduo, isto é, um homem relativamente separado dos outros e em parte separado dos valores que o diluíam no coletivo. Evangelizado, submete a existência aos olhos de Deus e, a partir de então, as fronteiras delimitadas pelo corpo o distinguem dos companheiros. Ele se sente muito mais indivíduo que membro da comunidade, mesmo que nesse coletivo, meio híbrido, a passagem não seja feita de modo radical. A centração sobre o *eu*, resultado dessa transformação social e cultural, comprova nos fatos o que Durkheim colocava em evidência para distinguir um indivíduo do outro: "é preciso um fator de individualização, é o corpo quem faz esse papel"¹⁵.

Para tornar evidente outras concepções da corporeidade humana, na relação com a natureza, da maneira como é percebida em diferentes sociedades, poderíamos enumerar vários trabalhos etnológicos¹⁶. O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados, contraditórios até mesmo para nossa

14 • Cf. Maurice Leenhardt. *Do Kamo - La personne et le mythe dans le monde mélanésien*. Paris: Gallimard, 1947.

15 • E. Durkheim. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1968, p. 386ss.

16 • Por exemplo, G. Calame-Griaule. *Ethnologie et langage: la parole chez les Dogon*. Paris: Gallimard, 1965. G. Dieterlen. *L'image du corps et les composantes de la personne chez les Dogon. La notion de personne en Afrique noire*. Paris: CNRS, 1973. M. Therrien. *Le corps Inuit (Québec, Arctique)*. Paris: Sela-PUB, 1987. Christine Buhan. *La mystique du corps*. Paris: L'Harmattan, 1986. Kristopher Shipper. *Le corps taoïste*. Paris: Fayard, 1982. Françoise Loux. *Le corps dans la société traditionnelle*. Paris: Berger-Levrault, 1979. C. Classen. *Inca cosmology and the human body*. Salt Lake City: University of Utah Press, 1993.

lógica aristotélica do terceiro excluído, segundo a qual se a coisa é comprovada, seu contrário é impossível. Assim, o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. E, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais. Em outras palavras, o conhecimento biomédico, conhecimento oficial nas sociedades ocidentais, é uma representação do corpo entre outras, eficaz para as práticas que sustenta. Mas tão vivas quanto aquelas e por outros motivos, são as medicinas ou as disciplinas que repousam em outras visões do homem, do corpo e dos sofrimentos. Assim a ioga, em diferentes versões, propõe uma representação do corpo e das realizações pessoais muito afastadas das concepções ocidentais. A medicina chinesa baseada numa certa imagem da energia (o *ki*) e o magnetismo herdado das medicinas populares são exemplos simples e muito enraizados nas sociedades ocidentais. Esses exemplos poderiam ser seguidos pela enumeração infinita das representações em uso nas sociedades humanas e ainda observáveis ou as que outrora existiram. Conforme os espaços culturais, o homem pode ser criatura de carne e osso comandado por leis anatomofisiológicas; ou rede entrelaçada de formas vegetais como na cultura canaque; ou rede de energia como na medicina chinesa, que une o homem ao universo que o cerca como se fosse um microcosmo; ou animal que carrega em si todos os perigos da selva; ou parcela do cosmo em estreita ligação com os eflúvios do meio ambiente; ou domínio predileto para a estada dos espíritos...

Muitas são sociedades, muitas também são as diferentes representações e ações que se apóiam sobre seus conhecimentos. Além disso, as próprias sociedades ocidentais são confrontadas a incontáveis modelos do corpo: os utilizados pelas medicinas "paralelas", ou os utilizados pelas medicinas populares que ressurgem num contexto social e cultural modificado, introdução confusa de modelos energéticos na medicina, a extraordinária divisão do campo das psicoterapias que repousam sobre modelos do homem e do corpo extremamente contraditórios de um extremo ao outro. Em nossas sociedades, nenhuma das representações do corpo faz a unanimidade, nem mesmo o modelo anatomofisiológico.

Diante desse quadro heterogêneo, a tarefa da antropologia ou da sociologia é compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica e, assim, destacar as representações, os imaginários, os

MUITO IMPORTANTE

IMPORTANTE

desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis conforme as sociedades.

IV - Corpo, elemento do imaginário social

A designação do corpo, quando é possível, traduz de imediato um fato do imaginário social. De uma sociedade para outra, a caracterização da relação do homem com o corpo e a definição dos constituintes da carne do indivíduo são dados culturais cuja variabilidade é infinita. Um objeto efêmero e inacessível é esboçado, mas perde a evidência primeira que poderia ter aos olhos do observador ocidental. A "identificação" do corpo como fragmento, de certa forma, autônomo do homem, pressupõe uma distinção estranha para numerosas sociedades. Nas sociedades tradicionais, de dominante comunitária, na qual o estatuto da pessoa subordina-se ao coletivo, misturando-a ao grupo e negando a dimensão individual que é própria das nossas sociedades, o corpo raramente é objeto de cisão. O homem e o corpo são indissociáveis e, nas representações coletivas, os componentes da carne são misturados ao cosmo, à natureza, aos outros. A imagem do corpo é aqui a imagem em si, alimentada pelas matérias simbólicas que mantêm sua existência em outros lugares e que cruzam o homem através de uma fina trama de correspondências. O corpo não se distingue da persona e as mesmas matérias-primas entram na composição do homem e da natureza que o cerca. Nessas concepções da pessoa, o homem não é separado do corpo, como normalmente considera o senso comum ocidental. Em sociedades que permanecem relativamente tradicionais e comunitárias, o "corpo" é o elemento de ligação da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo. Ao contrário, em sociedades individualistas, o corpo é o elemento que interrompe, o elemento que marca os limites da pessoa, isto é, lá onde começa e acaba a presença do indivíduo.

O corpo como elemento isolável da pessoa a quem dá fisionomia só é possível em estruturas societárias de tipo individualista, nas quais os atores estão separados uns dos outros, relativamente autônomos com relação aos valores e iniciativas próprias. O corpo funciona como se fosse uma fronteira viva para delimitar, em relação aos outros, a soberania da pessoa. Ao contrário, nas sociedades tradicionais e comunitárias, onde a existência de cada um flui na presteza ao grupo, ao cosmo, à natureza, o corpo não existe como

elemento de individuação, como categoria mental que permite pensar culturalmente a diferença de um ator para outro, porque ninguém se distingue do grupo, cada um representando somente a singularidade na unidade diferencial do grupo. O isolamento do corpo nas sociedades ocidentais (eco longínquo das primeiras dissecações e do desenvolvimento da filosofia mecanista) comprova a existência de uma trama social na qual o homem é separado do cosmo, separado dos outros, separado de si mesmo. Em outras palavras, o corpo da modernidade, aquele no qual são aplicados os métodos da sociologia, é o resultado do recuo das tradições populares e o advento do individualismo ocidental e traduz o aprisionamento do homem sobre si mesmo¹².

No fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico. Um observatório de alta fidelidade para os técnicos das ciências sociais. Mas, primeiramente é importante saber de que corpo se trata. Uma das primeiras preocupações do sociólogo consiste em identificar a "natureza" do corpo cujas lógicas sociais e culturais pretende questionar.



¹² Cf. David Le Breton. Op. cit., caps. 1 a 3.

Capítulo III

Dados epistemológicos

I - A tarefa

1. Definir o corpo que nos interessa

A primeira tarefa do sociólogo ou do antropólogo consiste em libertar-se do contencioso que faz do corpo um atributo da pessoa, um possuir, e não o lugar e o tempo indistinguível da identidade. Também é preciso lembrar do caráter construído da pretensa "realidade objetiva" do corpo e as múltiplas significações que a ela se vinculam. O significante "corpo" é uma ficção; mas, ficção culturalmente eficiente e viva (se ela não estiver dissociada do ator e assim se este for visto como corporeidade) da mesma forma que a comunidade de sentido e valor que planejou o lugar, os constituintes, os desempenhos, os imaginários, de maneira mutante e contraditória de um lugar e tempo para outro das sociedades humanas.

A construção social e cultural do corpo não se completa somente em jusante, mas também em montante; toca a corporeidade não só na soma das relações com o mundo, mas também na determinação de sua natureza. "O corpo" desaparece total e permanentemente na rede da simbólica social que o define e determina o conjunto das designações usuais nas diferentes situações da vida pessoal e coletiva. O corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc.). Especialistas do sentido oculto das coisas (médicos, curandeiros, psicólogos, pajés, tiradores de sorte, etc.) interferem para dar nome ao mistério, explicar sua gênese, (re)inserir no interior da comunidade o homem e a doença que o atinge. Indicam a via a seguir para facilitar a resolução do problema. Se a primeira tentativa não dá resultado, outras podem ser feitas e novos especialistas solicitados; nossas sociedades são exemplos formidáveis desse procedimento. Sempre resta o imaginário social para retomar aquilo que esca-

pa provisoriamente ao controle social. O fato de o corpo constituir uma construção simbólica esclarece, por outro lado, os mecanismos da eficácia simbólica, sem necessariamente recorrer ao dualismo psique-soma, como fez Lévi-Strauss em artigo clássico sobre o assunto¹⁸.

A sociologia, cujas pesquisas têm no corpo seu fio condutor, não deve nunca esquecer da ambigüidade e da efemeridade de seu objeto, a qualidade que possui de incentivar questionamentos muito mais que de constituir fonte de certezas. Sempre relacionado com o ator para não ceder ao dualismo que invalidaria a análise, o significante "corpo" funciona, para a sociologia, como um mito no sentido de G. Sorel: ele cristaliza o imaginário social, provoca as práticas e as análises que continuam a explicar sua legitimidade, a provar de maneira incontestável sua realidade. Mas o sociólogo não esquece que ele próprio vive num mundo de categorias mentais inseridas na trama da história social, e, de modo geral, na trama da história das ciências. De modo mais específico, o qualificativo "corpo" que limita o campo dessa sociologia é uma "forma simples" no sentido de André Jolles: "Todas as vezes que uma atividade do espírito conduz a multiplicidade e a diversidade do ser e dos acontecimentos a cristalizar-se para adquirir uma certa forma, todas as vezes que essa diversidade, percebida pela língua em seus elementos primeiros e indivisíveis e transformada em produção da linguagem, puder ao mesmo tempo querer dizer e significar o ser e o acontecimento, diremos que ocorre o nascimento de uma forma simples"¹⁹ cujas atualizações sociais e culturais é preciso conhecer. O "corpo" é uma linha de pesquisa e não uma realidade em si. É preciso então marcar o distanciamento da sociologia de Durkheim, segundo a qual o corpo é estritamente redutível ao biológico. O conhecimento biomédico representa uma espécie de verdade universal do corpo que uma parte das sociedades humanas não conseguiu adquirir, como os numerosos curandeiros de nossas tradições rurais. Etnocentrismo elementar ao qual cedem, no entanto, numerosos pesquisadores. O corpo é também uma construção simbólica. A realidade de suas definições pelas sociedades humanas é objeto de uma primeira constatação.

¹⁸ • Claude Lévi-Strauss. L'efficacité symbolique. *Anthropologie Structurale II*. Paris: Plon, 1958.

¹⁹ • André Jolles. *Formes simples*. Paris: Seuil, 1972, p. 42 (trad. fr.).

2. Independência do discurso sociológico

Uma vez estabelecido o caráter "ficcional" do corpo e, de alguma forma, dadas as indicações da linha a seguir no campo da análise, pode-se vislumbrar a extensão possível de sua fecundidade para as ciências sociais. Lembrando-se sempre, para não cair no dualismo que desqualificaria a análise, que o corpo é aqui o lugar e o tempo no qual o mundo se torna homem, imerso na singularidade de sua história pessoal, numa espécie de hùmus social e cultural de onde retira a simbólica da relação com os outros e com o mundo²⁰. O discurso sociológico não isola o corpo humano como fazem, de modo meio surrealista, as "terapias corporais" (grito primordial, bioenergia, Gestalt-terapia, etc.) que parecem colocar o ator entre parênteses e fazer de seu corpo uma quase-pessoa.

A medicina e a biologia também propõem um discurso sobre o corpo aparentemente irrefutável, culturalmente legítimo. Mas, tanto uma quanto a outra compartilham um conhecimento de outra categoria. Detêm, de certa forma, um conhecimento "oficial", ensinado na universidade, isso quer dizer que visam à universalidade e sustentam as práticas legítimas das instituições médicas ou de pesquisa. No entanto, esse monopólio da "verdade" é disputado pelas medicinas que repousam sobre as tradições populares, variáveis conforme as culturas, ou sobre outras tradições do conhecimento (acupuntura, homeopatia, quiropraxia, medicina ayurvédica, etc.) que por sua vez se apóiam em outras representações do corpo humano. O sociólogo não pode então tomar partido nesses conflitos de legitimidade ou nessas coexistências paradoxais que lembram justamente o caráter sempre social e cultural das obras humanas; antes de tudo, tem como tarefa tornar perceptíveis os imaginários do corpo presentes na medicina moderna ou nas outras medicinas; assim como apreender os procedimentos variados usados nas curas e compreender as virtudes apreçadas.

A sociologia aplicada ao corpo distancia-se das asserções médicas que desprezam as dimensões pessoal, social e cultural nas percepções do corpo. Tudo se passa como se a representação anatomofisiológica tivesse que escapar da história para entregar-se ao absoluto.

20 • Cf. David Le Breton. *Anthropologie du corps et modernité*. Op. cit.

Mesmo estudando a sociedade na qual está inserido, a tarefa do sociólogo é descobrir as raízes sociais e culturais que pesam sobre a condição humana. O cultural não é monopólio discutível dos Inuit ou dos Dogon, não é privilégio das tradições rurais de Bocage, mas está também no coração do pensamento médico e das práticas ou das instituições que por ele são geradas. A sociologia não deve se deixar intimidar pela medicina que pretende dizer a verdade sobre o corpo ou sobre a doença, ou diante da biologia freqüentemente inclinada a encontrar na raiz genética a causa dos comportamentos do homem. A esse respeito conhecem-se as pretensões da sociobiologia visando subordinar o social ao patrimônio genético.

II - Ambigüidades a esclarecer

Duas ambigüidades pesam sobre a sociologia que procura produzir um entendimento sobre o corpo:

a) A variabilidade de uma cultura e de um grupo para outro, a influência na história, mas sobretudo a não-caracterização como tal em numerosas comunidades humanas.

b) Os perigos de um impensável dualismo inerente ao uso despreocupado do significante corpo que pressupõe o ator em vez de confundir-se com ele. O corpo é, antes de tudo, um termo da *doxa* e o uso desse significante, dentro do pensamento sociológico, deve ser esclarecido de antemão através de uma "história do presente", uma genealogia do imaginário social que a produziu. É preciso afastar o risco da fragmentação da identidade humana entre o homem de um lado e esse belo objeto que seria o corpo. Desconfiemos, ademais, da réplica dos que propõem uma sociologia da alma. Em outras palavras, a sociologia do corpo é aquela das modalidades físicas da relação do ator com o mundo.

III - Uma sociologia do corpo?

Delineados os obstáculos, uma sociologia relacionada ao corpo reúne as condições de seu exercício: uma constelação de fatos sociais e culturais está organizada ao redor do significante corpo. Esses fatos formam um campo social coerente, com lógicas discerníveis; formam um observatório privilegiado dos imaginários sociais e das práticas que suscita. Há uma pertinência heurística que a faz funcionar, como comprovam os vários trabalhos realizados.

Imponderável

Sª Tarefa

↳ Ramo da História voltado à pesquisa de fontes e documentos

Como vimos, o corpo é um objeto de questionamento muito dis-
perso na sociologia. Três caminhos de pesquisa são admitidos até
o presente:

a) Uma "sociologia do contraponto" (J.-M. Berthelot) que dei-
xa de lado as vias normalmente privilegiadas na apreensão do so-
cial (instituições, classes, grupos) e se prende ao corpo "não para
diluí-lo ou dispersá-lo, mas para colocar em evidência planos pri-
vilegiados de projeção"²¹. O corpo funciona aqui como se fosse
uma espécie de analisador, como pode também ser a vida quotidiana,
a morte, a sedução, etc., e propõe um ponto de vista sutil e ori-
ginal através do qual as ondulações da vida social podem ser re-
gistradas com relevância.

b) Uma "sociologia do a propósito", por assim dizer. Com-
preenda-se, com isso, uma sociologia cujo caminho é cruzado inci-
dentalmente por alguns traços relativos à corporeidade sem que
estes se revelem determinantes na construção mais global da pes-
quisa (por exemplo, a sociologia do trabalho pode deter-se um pou-
co nos tipos de técnicas do corpo associadas ao exercício de uma
profissão ou na relação física do homem com a máquina, mas ela
não é elaborada por esse ponto de vista).

c) Uma "sociologia do corpo", lúcida em relação às ameaças
que pesam sobre ela, mas que ao afastá-las descobre um continen-
te a ser pesquisado, quase inexplorado, onde a inteligência e a ima-
ginação sociológica do pesquisador podem se desenvolver. Essa
via central da pesquisa pode, por outro lado, alimentar-se avida-
mente das análises levadas a cabo em outros lugares e para outras
finalidades.

IV - Os riscos

Uma grande dificuldade apresentada pela sociologia do corpo
consiste na contigüidade com outras sociologias aplicadas à saúde,
à doença, à interação, à alimentação, à sexualidade, às atividades
físicas e esportivas, etc. O risco é a diluição do objeto, insuficiente-
mente definido pelo pesquisador que, querendo tudo abarcar, aca-
ba perdendo o ambicionado objetivo. Afastado o risco, controlado

21 • J.-M. Berthelot. Corps et société (problèmes méthodologiques posés par
une approche sociologique du corps). Cahiers Internationaux de Sociolo-
gie, vol. LXXIV, 1983, p. 119-131.

pelo rigor das ferramentas empregadas, pode-se afirmar então
a pertinência possível da confrontação com as diferentes aborda-
gens sociológicas. Cada uma delas propõe aos parceiros um ponto
de vista e sugere uma abordagem original cuja conjugação pode le-
var à melhor compreensão do objeto. Análises diferentes não são
necessariamente exclusivas, podendo acrescentar, cada uma em
seu patamar, pontos de pertinência inéditos. A história das ciên-
cias expõe a fertilidade do deslocamento das questões, da apreen-
são inédita de um objeto que escapa à rotina dos hábitos do pensa-
mento. A sociologia do corpo pode esclarecer assim, sob outro ân-
gulo, alguns modos de enfocar os diferentes objetos, da mesma
forma que outras abordagens podem também se enriquecer com
suas pesquisas,

Outro risco é inerente à pluridisciplinaridade frequentemente
imposta quando do estudo do corpo: psicanálise, fenomenologia,
etnologia, história, economia, por exemplo, são disciplinas que o
sociólogo cruza em seu caminho e cujos dados utiliza. De modo ge-
ral, pode-se dizer com Jean-Michel Berthelot que "o corpo surge,
no discurso sociológico, no espigão e na linha da tensão que separa
a vertente ciência social da vertente ciência humana"²². São várias
as precauções a serem tomadas: os conceitos não podem, sem per-
da ou risco de incoerência ou de colagem, passar de uma disci-
plina para outra sem o tratamento apropriado. Os procedimen-
tos de análise não são os mesmos conforme as disciplinas, nem os
métodos para a coleta de dados. Sem controle rigoroso, a análise
pode parecer uma colcha de retalhos, uma colagem teórica que
perde a pertinência epistemológica. "Uma vez definidos os dife-
rentes comportamentos corporais simbólicos ou práticos sociolo-
gicamente pertinentes, escreve com razão Luc Boltanski, pode-se
então, sem correr o risco de ver o objeto escolhido se esvaír, isto é,
vê-lo se esticar ao infinito, ou, o que dá no mesmo, dissolver-se na
poeira das disciplinas que pretendem encontrar a verdade sobre
ele, interpelar as outras ciências do corpo e reutilizar seus resulta-
dos substituindo as questões, em função das quais foram explicita-
mente gerados, por questões implícitas às quais podem respon-
der e com a única condição que sejam explícita e sistematicamen-
te colocadas"²³.

22 • Jean-Michel Berthelot et al. Les sociologies et le corps. Op. cit., p. 131.

23 • Luc Boltanski. Les usages sociaux du corps. Annales, n. 1, 1974, p. 208.

1.º Risco → Diluição
do Objeto

Importante

2.º Risco → a pluridisciplinaridade

Importante

Lembre-mo-nos enfim de uma evidência: falar de sociologia do corpo é uma maneira cômoda de falar de sociologia aplicada ao corpo; esta não é uma dissidência epistemológica oferecendo a especificidade do campo de estudos e dos métodos. A reflexão sociológica sobre o corpo é tributária da epistemologia e da metodologia inerentes à disciplina. Se os conceitos exigem uma modulação particular, pois o corpo não é pensado como, por exemplo, o Estado ou a família, o mesmo campo epistemológico é solicitado com suas maneiras de fazer e de pensar e suas precauções usuais. A sociologia do corpo é um capítulo entre muitos outros que a sociologia comporta.

❧ ❧

Capítulo IV

Campos de pesquisas 1: Lógicas sociais e culturais do corpo

Considerando os limites de tal proposta, podemos esboçar então algumas orientações de pesquisas relacionadas à corporeidade, partindo, se possível, de textos fundadores da matéria e alargando progressivamente para uma espécie de balanço provisório dos trabalhos efetuados. Alguns campos foram assim desbravados: as técnicas do corpo, a expressão dos sentimentos, a gestualidade, as regras de etiqueta, as técnicas de tratamento, as percepções sensoriais, as marcas na pele ou na própria carne, a má conduta corporal. Sem dúvida estamos na presença de uma zona específica da sociologia do corpo. A corporeidade está no centro dessas temáticas e não serve de pretexto para a análise que ambicione outra coisa.

I - As técnicas do corpo

Em 1934, diante da Sociedade de Psicologia, M. Mauss adianta uma noção destinada a prosperar: as técnicas do corpo²⁴. Gestos codificados em vista de uma eficácia prática ou simbólica. Trata-se de modalidades de ação, de seqüências de gestos, de sincronias musculares que se sucedem na busca de uma finalidade precisa. Evo-cando lembranças pessoais, Mauss lembra a variação de tipos de nado de uma geração para a outra em nossas sociedades, e mais geralmente de uma cultura para outra. Da mesma forma ocorre com a marcha, a corrida, as posições das mãos em repouso, a utilização da enxada ou os métodos de caça. Mauss observa que a tecnicidade não é monopólio único da relação do homem com a ferramenta, antes disso há, de certa forma, outro instrumento fundador: "O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem". Modelado conforme os hábitos culturais, ele produz eficácias práticas. "Cha-

²⁴ • M. Mauss. Les techniques du corps. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1950, p. 363-386.

Importante de

MUITO IMPORTANTE

Capítulo VII

Estatuto da sociologia do corpo

I - O canteiro de obras

A sociologia do corpo, sem dúvida não uma sociologia setorial como outras, possui um estatuto particular no campo das ciências sociais (da mesma forma que a sociologia da morte, e pelas mesmas razões). Um objeto obstinado e dificilmente apreensível como a corporeidade exige uma abordagem especial, capaz de restituir-lhe a complexidade. Essa sociologia, quando toma as precauções epistemológicas adequadas, traça um caminho na diagonal dos conhecimentos constituídos ou a serem enunciados. O pesquisador é propriamente o lugar do cruzamento; como se fosse um espelho do objeto de estudo, o constrói como bricolagem, na melhor acepção do termo, no sentido de que todo saber, mesmo o mais rigoroso, o mais fundamentado, é sempre uma bricolagem teórica, a tentativa de realizar a identificação provisória de seu objeto, exposta às querelas de escola e à obsolescência, mais ou menos demorada para chegar, da história do pensamento. A sociologia aplicada ao corpo desenha uma via transversal no continente das ciências sociais, cruza permanentemente outros campos epistemológicos (história, etnologia, psicologia, psicanálise, biologia, medicina, etc.) diante dos quais afirma a especificidade de seus métodos e ferramentas de pensamento. A análise que faz dificilmente é desenvolvida sem o controle das influências que recebe dessas disciplinas, sem mantê-las no nível respectivo de pertinência sob o risco de diluir seu objeto. O corpo é a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico; por isso, a abordagem sociológica ou antropológica exige prudência particular e a necessidade de discernir com precisão a fronteira do objeto.

Essa sociologia ainda está em construção, não obstante as aquisições de pesquisadores de diferentes nacionalidades e as tendências de pesquisas já citadas. A análise sociológica aplicada ao corpo permanece constante na sociologia desde a origem, com inflexões diferentes de acordo com a época, mas a partir dos anos 1960 o esforço de pesquisa é sistematizado; os trabalhos não são mais neces-

sariamente momentos de exceção numa obra que também se desenvolve em outras direções (por exemplo, M. Mauss e suas técnicas do corpo; Simmel e a sensorialidade, etc.). Hoje, numerosos pesquisadores elaboram, de certa forma, a sociologia do corpo em período integral.

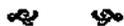
II - A tarefa

A tarefa consiste em esclarecer as zonas escuras, sem ilusão nem idéia fantasiosa de supremacia, no entanto, com aquele fervor que deve conduzir qualquer pesquisa, sem esquecer da humildade e da prudência, nem deixar de lado a imaginação que deve presidir o exercício da reflexão. A atualização do pensamento aplicado a um campo específico na profusão infinita do mundo não deve nunca esquecer que projeta, de forma eletiva, um feixe de luz fundamentado nas escolhas teóricas do pesquisador e no saber de uma época e, além disso, que ela não pode explicar de maneira definitiva a complexidade do objeto, qualquer que seja ele, sobretudo sem dúvida em se tratando da corporeidade. A sombra e a luz se confundem com maior frequência que se distinguem realmente. Pensemos a esse respeito na figura de Clouzot em *O corpo*: na peça em que os personagens aparecem, sombra e luz desenham fronteiras de contornos suaves, mas ainda assim discerníveis. Um sopro sobre a vela e ela oscila. Onde está a sombra, onde está a luz? Onde está a verdade, ou melhor, a pertinência da pesquisa, *senão nas condições de sua produção, em permanência submetidas à dúvida, ao rigor, à troca com os outros.* Como imaginar uma sociologia não dialógica? E sobretudo quando se trata de elucidar as lógicas sociais e culturais que atravessam e impregnam a corporeidade. Esta última é um abismo que, com uma espécie de arrogância tranqüila, nos coloca o desafio de apreendê-la; afirma com força incomparável que a experiência nunca existe no estado selvagem. Qualquer relação com o corpo é o efeito de construção social. Para o pesquisador, também é o fruto da conquista, do olhar, mesmo que fosse o mais exigente, e conseqüentemente de categorias mentais específicas.

Se a sociologia do corpo já anunciou inúmeros argumentos a seu favor sobre a pertinência possível da perspectiva, se está em posição de fornecer dados significativos, ainda se encontra diante de uma tarefa imensa. Ela deve desse modo dedicar-se ao in-

ventário metódico das modalidades corporais em uso nos diferentes grupos sociais e culturais, distinguir as formas e as significações, as vias de transmissão. Dedicar-se também a comparações entre os grupos, a encontrar novas emergências de gestos, de posturas, de práticas físicas. Inventariar as representações do corpo que, hoje, enchem nossos olhos (modelos energéticos, mecânicos, biológicos, cosmológicos, etc.), distinguir as influências recíprocas. Sem esquecer das representações associadas aos diferentes segmentos corporais, ou ao próprio corpo em seu conjunto, os valores que encarna, as repulsões que suscita, etc. Além disso, a modernidade, com a rapidez das mudanças que implica, o surgimento de doenças como a Aids, modifica constantemente as atitudes diante do corpo e diante dos modos de usá-lo. Ela remodela os imaginários coletivos. Isso ocorre da mesma forma com os novos dados médicos: biotecnologias, retiradas ou transplantes de órgãos, etc.

A modernidade desvenda ao sociólogo um campo infinito de possíveis pesquisas. Outro setor fundamental da pesquisa consiste na explicação das lógicas sociais e culturais que atravessam o corpo, isto é, a parte da dimensão simbólica por exemplo, nas percepções sensoriais, nas expressões das emoções, etc. Esclarecendo as modalidades sociais e culturais das relações que estabelece no corpo, o próprio homem se descobre na extensão de sua relação com o mundo. A sociologia do corpo é a sociologia do enraizamento físico do ator no universo social e cultural.



Bibliografia

a) Generalidades

- ARGYLE, M. *Bodily communication*. London: Methuen, 1975.
- BENTHALL, J. & POLHEMUS, T. *The body as a medium of expression*. New York: Dutton, 1975.
- BERNARD, Michel. *Le corps*. Paris: Delarge, 1976.
- *L'expressivité du corps*. Paris: Delarge, 1976.
- BERTHELOT, J.-M.; DRUHLE, M.; CLEMENT, S.; FORNE, J. & M'BODG, G. Les sociologies et le corps. *Current Sociology*, 33, 2, 1985.
- BLACKING, John. *The anthropology of the body*. New York: Academic Press, 1977.
- Body and society* (primeiro número, 1995. Sage Publications).
- BOLTANSKI, Luc. Les usages sociaux du corps. *Annales*, n. 1, 1974.
- EFRON, David. *Gesture, race and culture*. The Hague/Paris: Mouton, 1972.
- FEATHERSTONE, M.; HEPTWORTH, M. & TURNER, B. *The body: social process and cultural theory*. London: Sage Publications, 1991.
- FEHER, M.; NADDAFF, R.; Tazi, N. *Fragments of a history of the human body*. New York: Zone, 1983 (3 vol.).
- GALIMBERTI, Umberto. *Il corpo: antropologia, psicanalisi, fenomenologia*. Feltrinelli, 1983.
- GIL, José. *Métamorphoses du corps*. Paris: La Différence, 1985.
- Intercultures. *Corps et Cultures*, n. 17 e 19, 1992.
- KERN, Stephen. *Anatomy and destiny: a cultural history of the human body*. Indianapolis/New York: Bobbs Merrill, 1975.
- LE BRETON, David. *Corps et société: essai de sociologie et d'anthropologie du corps*. Paris: Méridiens-Klincksieck, 1985.
- *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: PUF, 2001.